Em fevereiro tem carnaval: blocos e sociabilidades de rua em Porto Alegre/RS

In February there is carnival: blocks and street sociabilities in Porto Alegre/RS

Joanna Munhoz Sevaio

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9837>

DOI: 10.4000/pontourbe.9837

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Joanna Munhoz Sevaio, « Em fevereiro tem carnaval: blocos e sociabilidades de rua em Porto Alegre/RS », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9837> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9837>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Em fevereiro tem carnaval: blocos e sociabilidades de rua em Porto Alegre/RS

In February there is carnival: blocks and street sociabilities in Porto Alegre/RS

Joanna Munhoz Sevaio

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 17/07/2020

Aceitação / Accepted 17/11/2020

- 1 É carnaval em Porto Alegre. Com minha pochete de couro semi-aberta, guardo tão rápido quanto consigo o pequeno caderno que utilizo para escrever meu diário de campo. A caneta azul fica para trás e os próximos movimentos respondem quase mimeticamente às milhares de pessoas que estão ao redor. Os primeiros estrondos das bombas que se dirigem a nós são fortes o suficiente para que a única ação possível seja correr. Fuga ou proteção, tanto faz. Todos os que estavam na Cidade Baixa na primeira noite de carnaval do ano de 2020 tiveram que correr. Gritos, alguns empurrões e a sensação de alívio ao chegar em qualquer lugar relativamente seguro fazem parte do repertório de todos os grupos envoltos na fumaça que se expandiu pelas principais ruas do bairro. Já em casa, lembro de Clifford Geertz e sua esposa Mildred correndo da abordagem policial em uma das brigas de galos que presenciaram (Geertz 2014). Afinal, em Bali, ou em Porto Alegre, o ritmo do trabalho de campo pode ser determinado por acontecimentos não planejados que mudam os rumos de uma pesquisa. Estar lá, para um antropólogo, é essencial.
- 2 Se algo é capaz de unir o Brasil de norte a sul, é o carnaval. Mesmo que adquira formatos diferentes - desde blocos tradicionais, até o majestoso espetáculo das escolas de samba do Rio de Janeiro, os bailes de cidades interioranas, ou os trios elétricos - a festa é unânime e ressignificada nos mais distantes cantos do país. Gostando ou não, há

quem diga que o ano por aqui só começa depois da quarta-feira de Cinzas. Escrito há mais de 40 anos - no começo da década de 1970 - por Roberto DaMatta, “Carnavais, Malandros e Heróis” (DaMatta 1997) é um marco nos estudos antropológicos que focalizam a estreita relação entre o carnaval e a sociedade brasileira. Com o livro aprendemos que embora a festa de remotas origens cristãs seja alvo de controvérsias, ela é uma chave analítica importante para a compreensão de nosso país. Para o autor, de forma ritual os valores são invertidos nos dias que antecedem o início da quaresma: os pobres ganham destaque e a sexualidade é exacerbada. Uma janela para o questionamento de normas e padrões do cotidiano é aberta todos os anos no Brasil.

- 3 Longe da pretensão de recorrer a uma longa revisão teórico/histórica sobre o carnaval, novamente sigo os passos de Geertz neste texto e escrevo sobre as experiências que vivi em campo. O fazer etnográfico - conforme entende o autor - para além do trabalho de campo está calcado no ato de escrever. Os traços de subjetividade presentes nos textos do antropólogo-autor atuam como um conector entre os “saberes locais” (Geertz 2013) e o seu próprio mundo e dão um quê de literatura ao resultado. Eis o que pretendo.
- 4 Em março de 2019 comecei minha pesquisa de mestrado, que trata das controvérsias entre moradores e frequentadores da cena noturna da Cidade Baixa, sobretudo em decorrência do uso das ruas como lugar de festa. Quando iniciei o trabalho de campo, em março daquele ano, resolvi fazer um passeio turístico pelo bairro que estudo. Na ocasião a guia turística definiu a Cidade Baixa como “colorida, festiva, boêmia e carnavalesca”. Ao longo do ano cumpri rigorosamente o planejamento de pesquisa, acompanhando as noites no bairro e as repercussões das sociabilidades noturnas entre grupos de moradores incomodados com a presença maciça de pessoas nas proximidades de seus locais de moradia. Na trilha de antropólogos como José Guilherme Cantor Magnani, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, fiz da rua meu lugar privilegiado de investigação. O ano 2020 chegou e com ele as expectativas em relação ao carnaval eram altas, uma vez que houve uma série de discussões sobre o local de realização dos eventos oficiais - aqueles organizados pela Prefeitura em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura e produtoras privadas.
- 5 Alguns moradores da Cidade Baixa - parte de meus interlocutores - são desfavoráveis ao carnaval de rua que nos últimos anos tem acontecido no bairro. Para eles, o grande número de pessoas circulando durante a festa gera *baderna* e acaba com o *sossego* do bairro. Apesar disso, a capital gaúcha teve seu carnaval oficial organizado em dois eixos: no Circuito Cidade Baixa houve programação de 22 a 25 fevereiro e depois em 29 de fevereiro e 1º de março; no Circuito Orla a programação foi posterior ao feriado nacional de carnaval, nos dias 7 e 8 de março. O lugar escolhido para o primeiro Circuito foi a Praça Garibaldi, um importante ponto de referência da cidade que fica nos limites entre os bairros Cidade Baixa e Menino Deus.
- 6 No primeiro dia de festa decido chegar na Praça Garibaldi no final da tarde, porque tinha a intenção de observar o evento já lotado. O horário estipulado para o término era o das 21 horas. Saio de casa por volta das 18h e sigo para a Cidade Baixa caminhando, como tem sido no desenvolvimento de minha pesquisa. Uma amiga chamada Andressa me acompanha. Colocando os pés na rua já pude perceber que não estávamos sozinhas em nosso percurso: grupos de pessoas fantasiadas podiam ser vistas colorindo as ruas do Centro Histórico, bairro onde moro. Chegando na José do Patrocínio, rua que leva à Praça, o fluxo de pessoas contagiadas pelo clima de carnaval se torna mais intenso. Conforme avançamos as quadras, a rua fica mais parecida com uma loja de fantasias a

céu aberto, na qual os itens mais cobiçados são tiaras coloridas e brilhosas. Nesse quesito, a análise de DaMatta sobre o teor do comportamento carnavalesco é certo: são abundantes em tais tiaras frases que remetem ao flerte, geralmente com base em *memes* que circulam pelas redes sociais, como: “Oi sumido/a”, “Contatinho”, “Virei uber, te pego quando?”. Outras tiaras tratam do empoderamento feminino: “Plena” e “É assim que uma feminista se parece” são algumas das mensagens dos produtos expostos pelos vendedores ambulantes.

- 7 Coloco meu corpo na multidão na tarde do sábado de carnaval fantasiada como grande parte das cerca de 50 mil pessoas que circularam no evento. Também com uma tiara colorida e provocativa, só que feita por mim, trazia uma frase crítica ao atual governo federal, o que possibilitou o diálogo com o público que concordava com minha posição. O tom político era evidente em muitas fantasias que observei. Os temas mais recorrentes foram aqueles que geraram polêmica durante a semana. Depois de o senador Cid Gomes ter utilizado uma retroescavadeira contra o motim da Polícia Militar em Sobral, no Ceará, surgiram muitas retroescavadeiras nos blocos de carnaval Brasil afora. Em Porto Alegre não foi diferente. Outra atitude polêmica que resultou em muitas fantasias foi a declaração do Ministro da Economia, Paulo Guedes, de que “com dólar baixo, até empregada vai à Disney”. Na Praça Garibaldi pude avistar as mais variadas combinações cujo núcleo básico era um uniforme de empregada doméstica e algum objeto que fazia alusão à Disney, principalmente bonecos dos personagens Mickey e Minnie.
- 8 Olho para os lados e vejo corpos cobertos por *glitter*, sem discriminação de gênero, de raça, de faixa etária, ou de classe. Desde detalhes brilhosos no canto do rosto até maquiagens superelaboradas, não há quem passe imune ao uso dele. Pelo contrário, o brilho vai sendo aos poucos distribuído entre beijos e abraços. O suor ajuda a fixação, já que faz um dia de altas temperaturas. Perto das 19h para mim é impossível estipular a quantidade de foliões. Uma certeza: uma multidão foi à Cidade Baixa buscando diversão, seja qual for o significado disso para cada uma das milhares de pessoas que estão lá.
- 9 A próxima atração programada era o bloco “Bah guri”, que apesar do nome simbólico não é conhecido pelo público gaúcho. Só depois de algum tempo ouvindo *hits* de funk, tal como em boa parte das festas que acontecem durante o ano, percebi que a apresentação do bloco era composta pela discotecagem de tais músicas, já conhecidas e aprovadas pelo público. Pela estrutura montada, que incluía um trio elétrico posicionado na zona central da Praça, aparentemente o repertório do evento incluiria músicas que costumam tocar no carnaval: axé, samba, marchinhas. Do alto das caixas de som ouço a letra do *hit* do funkeiro Kevin o Chris: “Cheiro de lança do bom, ei tu tá na gaiola/Cheiro de maconha da boa, ei tu tá na gaiola/ várias piranha jogando, ei tu tá na gaiola”. O envolvimento dos corpos do meu entorno com o rebolado deixa evidente que a “substituição” de músicas típicas de carnaval pelas batidas de funk não representam uma decepção para os presentes.
- 10 Não são só as fantasias e adereços que se sobressaem por suas cores, mas também as bebidas. Oficialmente a bebida do evento seria a cerveja, uma vez que é o produto comercializado pelos patrocinadores e que tinha vendedores credenciados. A bebida mais consumida, no entanto, foi notavelmente o corote, que é um destilado de teor alcoólico maior do que a cerveja. O produto paulista ganhou o mercado gaúcho em 2018, disseminando suas cores e sabores entre os consumidores, sobretudo jovens, já

que pode ser facilmente adquirido em supermercados ou outros estabelecimentos e causa embriaguez em menor tempo. A tendência de consumo fez com que empresas locais passassem a produzir bebidas similares, de forma que o volume de garrafas arredondadas – ou “barrigudinhas” – foi aumentando progressivamente nas festas. As garrafas e o copos compartilhados ganham tonalidades diferentes do amarelo da cerveja – o corote é colorido artificialmente de acordo com o sabor: morango, limão e pêssego estão entre os preferidos. A “barrigudinha”, além de barata, circula facilmente de mão em mão e pode ser levada de casa sem a necessidade de caixas ou bolsas térmicas, por exemplo. Nada melhor para os participantes de um evento das proporções do carnaval do que uma bebida doce e com alto teor alcoólico.

- 11 Pontualmente às 21 horas a apresentação do “Bah guri” encerra. Devido à aglomeração em todo o perímetro da Praça, a movimentação para a saída de tanta gente é gradual. Aos poucos consigo sair em direção à José do Patrocínio, onde a presença de viaturas da Brigada Militar é volumosa – muito maior do que quando cheguei ao evento. Nas esquinas a tropa de choque se organiza com seus escudos pretos e capacetes laranjas. Além dos usuais carros, vejo quatro vans que acomodam cerca de quinze policiais cada uma. O cenário que vai se configurando é semelhante a um filme de guerra. Os combatentes contra os quais a Brigada Militar se coloca ainda são desconhecidos, no entanto.
- 12 Como não tenho um destino predeterminado, eu e minha amiga Andressa seguimos os grupos que têm caixas de som. A primeira parada é um bar localizado ainda na José do Patrocínio, o InSônia Bar. Por se tratar de um lugar com intensa circulação de ônibus e carros, a rua já não comportava mais tanta gente. Então resolvemos caminhar em direção à Rua Gal. Lima e Silva, uma das principais vias da Cidade Baixa. Chegando na esquina da Lima e Silva com a Rua da República, paramos em frente a um conhecido bar chamado Pinguim, onde encontrei pessoas conhecidas com quem poderia conversar. Logo depois, Andressa foi embora, pois estava de bicicleta e mora relativamente longe. Caio, um dos rapazes do grupo mencionado, começou a ficar preocupado com a presença da polícia. “A qualquer hora parece que vai dar ruim” ele me disse. Eu respondi que também achava isso, só que acreditava que seria depois de os bares fecharem – uma vez que têm permissão para funcionar até 2h da manhã.
- 13 Eu estava errada. Olho no relógio do celular: 23 horas. Escrevo rapidamente algo em meu diário de campo e ouço um estouro. A Brigada Militar avança com o intuito de dispersar os grupos que ficam nas ruas da Cidade Baixa. Não houve diálogo: as bombas chegaram primeiro. Corremos pela Rua da República em meio à fumaça e os gritos de quem não sabia direito como agir. Dobro à esquerda na Rua Veloso, onde há gente em pânico que alerta sobre a emboscada que nos espera na Lima e Silva. Recuamos. Continuamos pela República até alcançar a Avenida João Pessoa, através da qual chego na rua onde moro, em segurança, assim como todos que estavam comigo.
- 14 No domingo, dia 23 de fevereiro, os blocos começaram às 16h30. Saí de casa perto das 17h para poder acompanhar desde mais cedo o evento e aproveitar a luz do dia, só que dessa vez sozinha. Faço o mesmo caminho de casa até a Praça, caminhando por toda a extensão da José do Patrocínio. Saias de tule coloridas, *glitter*, muito *glitter*, e tiaras cheia de penduricalhos. Não vejo na rua nada muito diferente do dia anterior. As viaturas policiais também rondavam toda a região do Centro Histórico e da Cidade Baixa. Havia em cada esquina por que passei cerca de quatro ou cinco policiais a cavalo, mais do que sábado.

- 15 Enquanto caminho na José do Patrocínio fico logo atrás de um grupo de cinco pessoas. Dois casais de mãos dadas e uma amiga desacompanhada. Ela, que usava uma tiara de gatinho, carregava uma caixa de som que tocava funk. De tempos em tempos, ela colocava a caixa de som no chão para que todos pudessem dançar. Pelo que pude ver de longe outros que faziam o mesmo percurso também carregavam caixas de som. Achei que por isso as atrações do evento oficial seriam novamente voltadas a esse ritmo, porém estava equivocada. Os blocos de carnaval do segundo dia de evento levavam à Bahia. As canções de Ivete Sangalo, Araketu e Terra Samba foram entoadas a plenos pulmões por quem estava em meu campo de visão. Hits dos anos 90 até os mais recentes eram dançados com movimentos conhecidos até por quem jamais foi ao nordeste brasileiro.
- 16 Minha fantasia, em tons de verde, fazia alusão ao filme “Bacurau” - com uma placa que dizia “Se for, vá na paz”, o que permitiu o diálogo com alguns curiosos. “Isso aí, cultural! É por isso que gosto do Brasil!” disse uma moça em cuja fantasia não consegui identificar. Um pouco alcoolizado, um rapaz vestindo uma máscara do Batman olhou para mim e fez o sinal “V” de paz e amor. Com certeza ele ainda não tinha assistido ao filme de Kleber Mendonça. Mais tarde, três rapazes com vestimentas eclesiásticas e máscaras de ratos passaram por mim gritando: “Dá-lhe, Bacurau!”. A fantasia era uma adaptação do *meme* “Dorime”¹ - que circulou mundialmente nas redes sociais em 2019 e no começo de 2020 - um rato vestido de Papa dançando “Ameno”, uma canção do grupo francês Era.
- 17 A cerveja Devassa, uma das empresas patrocinadoras do evento, estava sendo vendida em dezenas de carrinhos amarelos iguais à bebida, que ficavam distribuídas por toda a Praça. Apesar disso, como no dia interior as garrafas de corote eram tão ou mais abundantes que as latas. Nas caixas e bolsas térmicas levadas por muitos, e depois nos copos compartilhados, era também possível observar o consumo de outro tipo bebida: os chamados *kits*, que consistem em alguma bebida destilada - na maioria das vezes vodka - misturada com bebida não alcoólica doce e que custam pouco e embebedam rápido. No carnaval, corote e *kit* ganham mentes e corações dos jovens frequentadores da Cidade Baixa.
- 18 Rigorosamente às 21h o “Bloco do OP” termina sua apresentação. Pela dificuldade de locomoção parece haver mais gente do que na noite anterior. Por isso resolvo ficar um pouco mais na Praça. Apesar da iluminação fraca, essa é a decisão de muitas pessoas. Caixas de som ligadas no volume máximo, funk tocando. Era tanta informação sonora que ficou difícil identificar as letras das músicas dançadas. Fico lá por mais ou menos meia hora.
- 19 Na saída impressiona a quantidade de cavalos posicionados ao longo da José do Patrocínio. Se antes a cavalaria da Brigada Militar estava somente nas esquinas, no final do evento domina praticamente toda a extensão da rua, o que é intimidador. Há muita gente que ainda precisa sair da Praça, e os policiais são categóricos ao não deixar que os foliões transitem pelo meio da rua. O medo de levar um coice de algum dos imponentes cavalos impede que as pessoas desobedeçam. A maioria segue pelas calçadas. Faz muito frio, cerca de 12°C a menos de quando cheguei, e por isso caminho para casa tão rápido quanto consigo. De longe ouço uma bomba de dispersão na Praça Garibaldi, mas não há correria.
- 20 Na segunda de carnaval acordo com dor de garganta e um pouco febril. Mesmo assim, decido ir a campo porque considero importante para o andamento da pesquisa a

observação dos eventos de carnaval sob ângulos diferentes a cada dia. No terceiro dia chego pontualmente às 16h30 na Praça Garibaldi e me posiciono mais ao fundo, longe do trio elétrico. Lá o público é diferente: há muitas crianças e famílias inteiras se divertindo, sem a predominância de bebidas alcoólicas como elemento necessário ao entretenimento. As fantasias mudam de tom: em vez de críticas políticas ou provocações sexuais aparecem palhaços, fadinhas e vampiros.

- 21 Se no domingo as músicas remetiam ao carnaval da Bahia, na segunda as atrações giravam em torno do universo do samba. Em 1993, o refrão do samba-enredo “Peguei um Ita no Norte”, interpretado pelo icônico Quinho da Salgueiro, ressoou por toda a Marquês de Sapucaí.²⁴ “Explode coração/Na maior felicidade/ É lindo o meu Salgueiro/Contagiando, sacudindo essa cidade”³. Em 2020, no carnaval de rua de Porto Alegre, a mesma música era cantada pela multidão. O “Bloco Panteras do Samba” contagiou o público com sambas-enredo famosos e sambas de artistas como Alcione, que embalam corpos e corações de brasileiros em todo o país. O ritmo que impulsiona os corpos dançantes demandou que fosse alterada a configuração dos equipamentos de som, que precisavam ser mais potentes. Quando me aproximo um pouco mais do trio elétrico, vejo que uma estrutura retangular no meio da Praça com dezenas de caixas de som faz o som ganhar mais força.
- 22 Chego perto do trio elétrico para tentar enxergar as atrações de uma escola de samba que se apresentava - passistas, mestre-sala, porta-bandeira e porta-estandarte vestem fantasias vermelhas-brilhosas. Enquanto faço uma anotação em meu caderno de campo, o casal Gabriela e Carolina se aproxima com um quê de curiosidade. Sem jeito, Letícia pergunta o porquê de eu estar com um caderno em pleno carnaval. Respondo explicando as motivações de minha pesquisa e pego o contato delas para uma entrevista posterior.
- 23 Minha fantasia no dia é de bananas, o que também chama a atenção de muitos foliões por quem passo. Um rapaz comenta “Que legal!”, outros simplesmente sorriem. Apesar da preparação para o evento, sinto que minha temperatura corporal aumentou consideravelmente. Às 19h chego ao limite da minha capacidade física do “estar lá”.
- 24 Assim que chego em casa começa a chover torrencialmente. Na Cidade Baixa, segundo o que verifiquei com interlocutores que estavam lá, a chuva não impediu a permanência dos entusiastas da festa, pelo menos até as 21h. Todo carnaval tem seu fim... mas para alguns ele termina antes do que para outros.

BIBLIOGRAFIA

CHRIS, Kevin O. *Tu tá na gaiola*. Duque de Caxias/RJ: Adpar, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c0KfWTjuqHM>. Acesso em 2 dez. 2020.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GEERTZ, Clifford. 2014. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GEERTZ, Clifford, 2013. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

QUINHO. Peguei um Ita no Norte. Rio de Janeiro: BGM, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvikfhvLEU8>. Acesso em 2 dez. 2020.

NOTAS

1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2PuwqyXxPI>
2. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/01/inesquecivel-sapuca-i-quinho-conta-como-comandou-coro-de-60-mil-vozes-com-explode-coracao-do-salgueiro.ghtml>
3. Letra do samba-enredo disponível em: <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enredo-1993-peguei-um-ita-no-norte.html>

RESUMOS

Neste texto exploro um recorte de minha pesquisa de mestrado, uma etnografia de rua que trata das controvérsias entre moradores e frequentadores da cena noturna do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/RS. Aqui relato as experiências do trabalho de campo que realizei durante o carnaval do ano de 2020, em que foliões e polícia dividiram o protagonismo das ruas do bairro. Entre o colorido das fantasias e copos de bebida, situo um corpo de pesquisadora que se dilui na multidão carnavalesca, deslocando meu olhar conforme o ritmo da festa tipicamente brasileira.

In this text I explore an excerpt from my master's research, a street ethnography that deals with the controversies between residents and regulars of the night scene in the Cidade Baixa neighborhood, in Porto Alegre/RS. Here I report the experiences of fieldwork that I carried out during the carnival of 2020, in which revelers and police shared the protagonism of the streets of the neighborhood. Among the colorful costumes and drinking glasses, I place a researcher body that is diluted in the carnivalesque crowd, shifting my view according to the typical Brazilian party rhythm.

ÍNDICE

Keywords: carnival, sociabilities, street

Palavras-chave: carnaval, sociabilidades, rua

AUTOR

JOANNA MUNHOZ SEVAIO

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS).

E-mail: jmsevaio@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0706-0335>